

A IGREJA NA MESA

Dick O. Eugenio

Professor Assistente de Teologia, Ásia-Pacífico Seminário Teológico Nazareno

“ Eu olho o mundo inteiro como minha paróquia,” clamou John Wesley.¹ Ele não deve ter sabido que tal declaração profética encontraria seu cumprimento dois séculos mais tarde através do cometimento de seus descendentes teológicos. Nascido de ventre do Metodismo, a Igreja do Nazareno contribui ao que Thomas C. Oden descreve como uma era de “pan-Wesleianismo.”² Mas a Igreja do Nazareno é uma denominação global no seu próprio direito. Depois de um século de esforços de missão, ostenta uma imposição de 2.1 milhões de membros em 159 países, dois terços dos quais estão localizados fora da América do Norte, Canadá e Europa.³ “o sol nunca põe-se na Igreja do Nazareno,” Jerald D. Johnson gaba-se.⁴ numa mão, estatisticamente falando, esta presença global que a denominação goza é um produto da “rápida expansão da igreja nas suas fronteiras internacionais” desde 1976.⁵ Noutra mão, considerando a visão de Hiram F. Reynolds e os primeiros acessos na história da denominação, Stanley Ingersol tem razão em dizer “a estrada para a internacionalização é o principal tema na história do Nazareno.”⁶ Internacionalização não é uma reflexão missional posterior na vida de uma denominação; em vez disso, é seu DNA.

Johnson define internacionalização em duas formas. é (1) “não mais que uma aplicação contemporânea dos princípios da Grande Comissão,” e (2) o acto de “simplesmente aceitar um ao outro *horizontalmente* como irmãos e irmãs em Cristo.”⁷ A segunda definição evidencia que Johnson não é ingénuo. Ele sabe que a internacionalização não é uma mera declaração geográfica; é também uma declaração de genuína *koinonia*. A internacionalização constitui

¹ Wesley, “11 Junho 1739,” em *As Obras de John Wesley*, vol. 19, *Jornal e Diários II* (1738-43) (edição Bicentennial; eds. W. Reginald Ward e Richard P. Heitzenrater; Nashville: Abingdon, 1990), 67 [Para o futuro, *Obras*].

² Thomas C. Oden, *Padrões Doutrinários na Tradição Wesleiana* (Nashville: Abingdon, 2008), 150.

³ *Crescimento da Igreja do Nazareno, 2002-2012* (Estatística annual dos relatórios do secretário geral), disponíveis na <http://nazarene.org/files/docs/Manual2009-2013.pdf>.

⁴ Johnson, *A Experiência Internacional* (cidade Kansas: NPH, 1982), 26.

⁵ Floyd T. Cunningham, et. al., *Nosso lema e canção: A História Centenal da Igreja do Nazareno* (cidade de Kansas: Beacon Hill, 2009), 11, 512.

⁶ Ingersol, “Odisseia Nazarena e as articulações da Internacionalização,” *WTJ* 38 (Spring 2003), 80.

⁷ Johnson, *A Experiência Internacional*, 10, 19 (original itálica).

alguns desafios, particularmente a unidade. Apesar de a mudança na terminologia não endereçar realmente os desafios, a preferência do Mario Zani para a “globalização” sobre “internacionalização” é proveitoso. seguindo Zani, internacionalização conota “estratégias e políticas administrativas concordadas,” enquanto que a globalização é o “processo pelo qual nos tornamos sensibilizados e receptivos ao mundo multi-cultural, multi-lingual, multi-étnico e multi-nacional do qual somos parte.”⁸ Isto dignifica que a globalização da Igreja do Nazareno envolve um tipo de inculturação, que conseqüentemente resulta nas distintas auto-particularizações nos campos missionários. Max L. Stackhouse explica isto em termos de florir: “a fronteira entre kernel e husk é menos precisa, e a ênfase está no crescimento de novas possibilidades uma vez que a semente do evangelho está plantada numa nova locação, inevitavelmente na sua velha casca. Mas, uma vez que a semente está plantada, interagirá com o solo no qual foi plantado, e novas formas de fé brotarão da nascente para a existência.”⁹ terminando, este modelo sanciona os Nazarenos a tomarem umas novas e desconhecidas formas, recebendo diversidade dentro da denominação. Contudo, devemos admitir que a igreja não é um movimento essencialmente desordenado. No meio de diversidade deve haver unidade. Muitas igrejas locais são uma parte da Igreja do Nazareno, e por isso estão ligados aos princípios denominacionais e fronteiras. Este é o desafio que a denominação global encara: como balancear diversidade e unidade, pluralismo e homogeneidade, auto-particularização e consciência universal.

Homogeneidade Centralizada

O nosso lema e canção representa a terceira fase da vida da denominação, desde depois da II Guerra Mundial até cerca de 1975, como uma era do estabelecimento da “organização eficiente e profissionalismo” e quando “os líderes concluíram que estavam a viver numa era que clamava por formas práticas de alcançar o mundo.”¹⁰ E quando a igreja encarou expansão global para mais longe depois de 1976, os líderes escolheram criar estruturas que possam manter ordem dentro da denominação. Esta é a era quando a palavra “internacionalização” tornou-se palavra de

⁸ Zani, “Globalização Através da Cruz,” mensagem de indução, Seminário Teológico Nazareno, 1999; citado em Cunningham, *Lema*, 531.

⁹ Stackhouse, *Apologia: Contextualização, Globalização, e Missão em Educação Teológica* (Grand Rapids: Eerdmans, 1988), 107.

¹⁰ Cunningham, *Lema*, 350.

ordem. Numa mão, o termo “significava consciência de um mundo composto por muitas identidades nacionais, e esperar que o etnocentrismo pudesse ser transcendendo ao se respeitar culturas e celebra-se diversidade.”¹¹ Neste sentido, internacionalização, como Johnson nota, leva ambos a propagação do evangelho aos confins da terra e participação mútua dos Nazarenos globais em camaradagem horizontal. Noutra mão, internacionalização é também um termo político. Por exemplo, o exame de Gallup 1989 procurar saber que “Os Nazarenos frequentemente compreenderam ‘internacionalização’ como algo feito pela igreja Americana para tornar mais fácil às culturas não Americanas funcionarem dentro da estrutura denominacional.”¹² Internacionalização, entendia que esta forma, é o meio pelo qual a igreja mãe Americana pode impôr ordem sobre toda a denominação.

Nazarenos Globais podem potencialmente assumir a forma de organização global com poderes governamentais centralizados – como aquele de Organização Mundial de Comércio – ser efectivo, vincular o render das igrejas locais da sua soberania sobre suas próprias terras em assuntos eclesiásticos e teológicos. O corpo global dirigente terá a palavra autoritativa, e suas decisões serão impostas às igrejas locais que não têm capacidade de fazerem apelo. Autonomia local é engolida pela busca do universal. Não há centro geográfico *per se*, mas um centro não obstante existir para adjudicar todos os mistérios. A igreja torna-se como a forma circular de Jeremy Bentham, uma prisão organizada em volta da torre central de vigilância que vê todas as coisas mas não é vista e que sujeita a todos mas está sujeita a ninguém. O problema com esta tática é que aqueles que serão postos em posição de “governar” são os mesmos nomes encontrados no magistério. Neste sentido, como William T. Cavanaugh avaliou, a globalização representa a hiperestensão de um poder já estabelecido e não realmente esvaziamento do mundo.¹³ Se é para haver unidade, virá no custo do poderoso e o influencial e tornar-se-á mais poderoso e influencial, e o marginal continuará mais marginalizado. Johnson concluiu isto em 1982, escrevendo que o perigo de internacionalização “para dar forma a sedes operacionais ee impossível gigante centralizado.”¹⁴

Pluralismo Autónomo

¹¹ Cunningham, *Tema*, 506.

¹² Cunningham, *Lema*, 530.

¹³ Cavanaugh, *Imaginação Teológica* (Londres: T&T Clark, 2002), 4, 6.

¹⁴ Johnson, *The International Experience*, 58.

Considerar a realidade pluralística e atitude predominante hoje, o estabelecimento de uma oligarquia teológica-eclesiástica será encarada com resistência irada. Isto é o esperado dos representantes do mundo não Ocidental, mas mesmo os Ocidentais concluem que tal manobra é inapropriada. Hoje, não há escassez de literatura publicada evidenciando paranoia de possíveis manifestações do colonialismo. Por isso, está fora de dúvida que a Cila da homogeneidade centralizada será intencionalmente evitada. O mais urgente problema, contudo, é o Caribdis do pluralismo autónomo. Santidade não remove necessariamente o nacionalismo, o paternalismo, o etnocentrismo e seus consequentes efeitos em como vemos a governação da igreja. Muitas vezes, a nossa visão teológica da igreja é eclipsada pelas reflexões políticas, e a tendência de *toda a gente* ficar com a posição que tem ramificações benéficas significantes em como podemos dominar e como podemos não ser dominados. Eu escrevi *toda a gente* porque a tentação de dominar não é problema do Ocidente apenas. Muitos apelos para a autonomia do resto do mundo são na verdade manobras políticas que buscam ser libertadas do controle duma mão e repor a autoridade existente consigo mesmos noutra mão.

Poder, Michael Foucault clama, “nunca é localizado aqui ou ali, nunca nas mãos de alguém, nunca apropriado como uma mercadoria ou um pouco de riqueza. Poder é empregado e exercitado através de uma organização em forma de rede de trabalho.”¹⁵ Por isso a prescrição é que todo o centrismo e tudo o que gera traços de homogeneidade em instituições legais, civis e mesmo eclesiásticas deve ser expelido. José Míguez Bonino descreve esta tendência de pluralismo autónomo como “partidarismo,” ou o “optar por um lado, oposição radical ao sistema existente.”¹⁶ A promoção da agenda pluralista, assim, inclui um embate perturbador das estruturas e líderes existentes. A fim de afirmar autoridade e domínio, busca rigorosa que no final visa anatemizar e suplantar. O aumento da consciência e reconhecimento mudança demográfica da Cristandade do Norte a Sul do Oeste a Este tem também se tornado palco das cruzadas de substituição da “Velha Ordem Mundial”¹⁷ Vinoth Ramachandra encapsula: “Se os poderes Europeus justificaram as suas conquistas imperiais com clamor de progresso e esclarecimento, os

¹⁵ Michel Foucault, *Conhecimento de Poder* (Nova Iorque: Pantheon Books, 1980), 98, 89.

¹⁶ Bonino, “Reflecções nos ensinamentos autoritativos em Questões Sociais,” em *O que é que os Metodistas devem Ensinar?* (ed. M. Douglas Meeks; Nashville: Kingswood, 1990), 67.

¹⁷ Jenkins, *O próximo Cristedade: A Vinda de Cristandade Global* (Oxford: Oxford U. Press, 2002), 108.

governantes Asiáticos traduziram esses mesmos clamores prometeicos em projectos nacionalistas brutais.”¹⁸

Ironicamente, a globalização, em vez de produzir um senso comum de responsabilidade, tem levado a uma era de competição e dominação. Como discerne o Cavanaugh, “a compressão do espaço na ‘vila global’ não só exacerbou mas produziu insegurança e conflitos nos finais do século vinte, uma vez que o mapeamento global traz diversas localidades para a competição umas com as outras.”¹⁹ Mudanças geográficas e culturais, juntamente com o espírito da era assaltada pelo nacionalismo e paroquialismo, resultado na plétora de novas formas locais sem precedentes e expressões que competem pelo reconhecimento. tristemente, por isso, esta “etnoficação teológica”²⁰ leva ao incremento de isolacionismo. O paroquialismo continua desafiado como “como assegurar que as diferenças nas estratégias e táticas não se tornam fontes de divisões permanentes e tristes,”²¹ porque se isto persiste, o globalismo “produz sujeitos fragmentados incapazes de dizer uma história católica genuína.”²² Podemos ficar sem capacidade crítica engrossado com o nosso próprio particular cenário sócio-político e tornar “romântico folclórico,”²³ auto engrossado e estranho a todos.

Eclesiologia Eucarística

Políticas teológicas e eclesiais não são imunes à violência. A natureza global da Igreja do Nazareno, numa mão pode pavimentar o caminho para os poderes existentes para dominarem a paisagem. Noutra mão, contudo, no nome do pluralismo disfarçado, podem produzir uma sobre-abundância de diversos competidores fanáticos pelo reconhecimento, poder e autoridade. Ambos colonialismo e paroquialismo devem ser evitados,²⁴ mas é a mais recente besta que precisa mais

¹⁸ Ramachandra, “Globalização, Nacionalismo, e religião de ressurreição,” em *Globalizar a Teologia: Crença e Prática numa Era de Cristianismo Mundial* (eds. Craig Ott e Harold A. Netland; Grand Rapids: Baker Academic, 2006), 215.

¹⁹ Cavanaugh, *Imaginação Teológica*, 107-108.

²⁰ Vanhoozer, “‘Um Governo para Governar a eles Todos?’: Método Teológico numa Era de Crisandade Mundial,” em *Globalizar a Teologia*, 104.

²¹ Walden Bello, *O Futuro em Balanço: Ensaio na Globalização e Resistência* (Quezon City, Philippines: U. of the Philippine Press, 2001), 229.

²² Cavanaugh, *Imaginação Teopolítica*, 98.

²³ Stackhouse, *Apologia*, 100.

²⁴ Paul Hiebert, “Além do Anticolonialismo ao Globalismo,” *Missiologia* 9 (1991), 263-82; e *Reflexões Antropológicas em Assuntos Missiológicas* (Grand Rapids: Baker, 1994), 93-103. R.

atenuação, pois é esta força que está a ganhar ímpeto mundial. A predição do Philip Jenkins deve servir como um aviso: “a história do Cristianismo sobre as décadas vindouras será marcada pelo novo cisma que largamente segue a divisão Norte Sul.”²⁵ Um futuro marcado por cisma é certamente não a forma ideal da nossa igreja global, mas o que é? Qual é o caminho estreito entre a Cila e a homogeneidade e a Caribdis do pluralismo autónomo que temos que andar? Que percepção de igreja pode sustentar o balanço entre unidade e pluralidade, control e autonomia, uniformidade e diversidade? Infelizmente, estas são questões políticas no meio da nossa busca pela declaração doutrinal na igreja. O problema, por isso, é que nós queremos endereçar um assunto de política, mas devemos também querer uma solução que é ambos bíblico e teológico. Não queremos responder fundamentados somente nas ciências sociais, porque a lógica do governo da igreja é contraditória a muitos (se não todos) agenda secular (ex: serventia versus chefia) somos assim desafiados a construir uma única eclesiologia teo-política. A minha propósta é que tal eclesiologia seja Eucarística.

A igreja, de acordo com o Brent Peterson, é o *polis* escatológico. Por isso, “o ajuntamento comunal da igreja é uma adoração política,” e “a Eucaristia é o acto mais político da igreja.”²⁶ Na Eucaristia, todos são reunidos pela participação mútua em Cristo e uns com os outros. Esta participação não necessita de simetria ou uniformidade. De facto, como destaca o Ellen K. Wondra, seguindo Levinas, todo o relacionamento terreno é assimétrico.²⁷ Todos viemos à Mesa com a nossa bagagem cultural, status cultural, preconceito denominacional, e reservas. E ainda assim, no meio disto tudo, há um conhecimento de que somos um, que mesmo na mistura paradoxal da minha superioridade e inferioridade, não sou melhor ou pior que aquele que se assentar ao meu lado. A Eucaristia transcende divisões naturais e sociais (Gl 3:28). Os membros da vila global não são juxtapostos ou comparados uns com os outros, mas são simultâneamente servidos a servir. Nas palavras do Cavanaugh,

Larry Shelton argumenta que “Uma exposição fresca de um paradigma Wesleiana deve ser bíblica –centrada e não estorvado por nem fundamentalista que transforma ou uma indiscriminante canonização do pluralismo,” em “Uma Agenda de Santidade/Wesleiana para o século vinte e um,” *WTJ* 33 (Fall 1998), 67-100.

²⁵ Jenkins, *As Novas Faces da Cristiandade: Credo na Bíblia no Global Sul* (Oxford: Oxford U. Press, 2006), 190.

²⁶ Peterson, “Eucaristia: A Resposta Política da Igreja ao Sofrimento,” *WTJ* 43 (Spring 2008), 146, 148.

²⁷ Wondra, “Participar Pessoas: Reciprocidade e assimetria,” *AngThRev* 86 (2004), 57-73.

Juxtaposição situa diversas localidades na competição de uns com os outros ... No espaço de Eucaristia, pelo contraste, não somos juxtapostos mas identificados. No corpo de Cristo, como Paulo diz, “de maneira que, se um membro padece, todos os membros padecem com ele; e, se um membro é honrado, todos os membros se regozijam com ele” (1 Co 12:26). Este colapso radical de barreiras espaciais realizam não competição, mas diz Paulo, grande honra e cuidado pelos membros mais fracos, que são identificados consigo mesmos.²⁸

No relacionamento Eucarístico, todas as divisões são transcendentais em Cristo. Assim, lembramos que a catolicidade não descansa em esforços humanos e nem esforços para unir (ou destruir) a Igreja. Isto é o que o John Zizioulas, seguindo Nicholas Afanasiev, chama de “eclesiologia Eucarística.”²⁹ Porque não há competição, a tentação de sectarianismo é reduzida. As distinções são tratadas não como avenidas de cisma, mas como razões para a *koinonia*. É precisamente porque somos diferentes que temos muitas razões reclamar. Alexander Schmemmann nota essa *leitourgia*, no seu sentido original, refere a “uma acção pela qual um grupo de pessoas torna-se algo colectivo que não foi como uma colecção de indivíduos.”³⁰ Neste sentido, *ekklesia* e *leitourgia* são inseparáveis. A igreja, como a *coetus electorum*, é o ajuntamento de pessoas que são chamadas para fora por Deus pelo propósito de ouvir e submeter-se ao Evangelho, sentar na mesa com ele, e estar unido com ele no Espírito Santo. São o povo que é chamado para fora de (*ek + kaleo*) a sua prévia cidadania diversa, pertença e lealdade, ao único corpo de Cristo. *Ekklesia* refere-se à assembleia reunida, mas o actual ajuntamento é declarado em *leitourgia*. Em juntarmos na Mesa do Senhor, a unidade da diversa multidão é ambos declarar e imposta. Se a unidade é a política primária de *polis*, então a Eucaristia serve ambos como lembrança ao povo de tipo de cidadãos que deve ser.

Os irmãos Wesley exsudam uma alta consideração pela Eucaristia. John argumentou que “é dever de cada Cristão receber a Ceia do Senhor tantas vezes quanto puder.”³¹ A colecção 1745 de 166 hinos Eucarísticos publicaram também evidências de centralidade de Eucaristia em sua teologia e ministério. Não é maravilha, então, que escritores como Eric S. Severson e William Crocket caracterizam os reavivamentos do século dezoito encabeçados pelos Wesleys

²⁸ Cavanaugh, *Imaginação Teológica*, 120-121.

²⁹ Zizioulas, *Estar em Comunhão: Estudos em humanidade e a igreja* (Nova Iorque: St. Vladimir’s Seminary Press, 1985), 23-25.

³⁰ Schmemmann, *Pela Vida do Mundo* (Crestwood, NY: St. Vladimir’s Seminary Press, 1988), 25.

³¹ Wesley, *Obras* 3: 428.

como “profundamente Eucarísticas da natureza.”³² Em particular, dois aspectos dos pensamentos do Wesley sobre Eucaristia é importante na nossa discussão actual. Em primeiro lugar, Wesley herdou o *ethos* do *livros de oração comum* da necessidade de auto-introspecção antes da participação Eucarística.³³ Em particular, a ênfase de Jesus em relacionamentos justos antes de *liturgia* é importante: “portanto se trouxeres a tua oferta ao altar, e aí te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa ali diante do altar a tua oferta, e vai reconciliar-te primeiro com o teu irmão, e depois vem e apresenta a tua oferta (Mt 5:24, NVI). O nosso *manual* soletra isto quando diz que “somente os que têm fé em Cristo e *amor pelos santos* devem ser chamados a participar aí.”³⁴ Segundo, Wesley pensava que a Eucaristia pde ser um sacramento de converter.³⁵ Se a conversão é expandida a incluir o elemento político-relacional da vida Cristã – reconciliação – significa que a Eucaristia é um acto de unidade que (1) *reques* reconciliação entre os comunicantes *antes* da sua celebração e (2) *efeitos* de reconciliação *durante* a sua celebração. Bernd Wannenswetsch sucintamente sumariza: “Adoração é política quando a ‘paz’ antes da comunhão não é meramente praticada como um sinal não-interno de solidariedade geral mas é também levado sèriamente como um acto de reconciliação entre as pessoas que têm alguma coisa umas contra as outras’.”³⁶

Sobretudo, a Eucaristia tem uma significância catolicizante não apenas antes e durante a celebração. Como argumenta Brent Peterson, a Eucaristia gera e capacita uma ética política que alcança a outros num abraço incorporante, precisamente porque os que participam na *leitourgia* são pessoas que entendem e vivem a unidade, co-sofrimento, e serviço mútuo. Como um acto político da comunidade reconciliada, a Eucaristia “produz práticas de fidelidade de como alguém

³² Severson, “Ausência Transformada: O Lugar Eucarístico da Teologia Cristã,” *WTJ* 39 (Fall 2004), 197. William Crocket afirma: “Não é comumente conhecido hoje nem pelos Aglicanos ou por Metodistas que o reavivamento Wesleiano foi tanto um reavivamento Eucarístico como um reavivamento Evangélico.” Ver *Eucaristia: Simbolo de Transformação* (Nova Iorque: Pueblo Publishing Co., 1989), 199; citado em Laurence Hull Stookey, *Eucaristia: Festa de Cristo com a Igreja* (Nashville: Abingdon Press, 1993).

³³ James N. Fitzgerald, “Que Mesa? Que Hóspedes? A Eucaristia como Hospitalidade,” *WTJ* 42 (Spring 2007), 136-137.

³⁴ *Manual* da Igreja do Nazareno, 2009-2013, Article XIII: A Ceia do Senhor, página 36.

³⁵ Wesley, *Obras* 19: 158-159.

³⁶ Bernd Wannenswetsch, *Adoração Politixca: Ética para o Cidadãos Cristão* (trans. Margaret Kohl; New York: Oxford University Press, 2004), 76.

tem que agir, primeiro na adoração comunal e depois no inundar o mundo.”³⁷ Aponta ambos à vida reconciliada, os esforços ecuménicos, e a missão reconciliadora da igreja. Identidade Eucarística produz ética Eucarística. Se reconciliação, compreensão, e estar em paz uns com os outros são parte das nossas responsabilidades como Cristãos, então Wesley está certo ao dizer que “quando nossos corpos são reforçados pelo pão e vinho, assim as nossas almas por estes penhores do corpo e o sangue de Cristo. Esta é a comida das nossas almas: *isto dá força de fazermos o nosso dever, e leva-nos à perfeição.*”³⁸ A Eucaristia é a declaração ou retórica poderosa sobre unidade que demanda aplicação. Por isso, os Cristãos pode sentir acusação moral ao participar nela sem na verdade viver nela.

“Conclusões

A Eucaristia é uma *anamnésia*, uma celebração de acção de graças e lembrança do trabalho de Deus em Cristo e nossa história. É também “uma antevisão da comunicação final de todas as coisas, uma amostra do Banquete Celestial no qual somos convidados.”³⁹ Mas na presente Eucaristia está o “evento transformativo na escatologia do qual, o novo céu, não ainda” parece ser a resistência do lado humano contra o “já” torna-se realizado no meio do povo adorador.”⁴⁰ A realidade triste, contudo, é que no nosso viver na “já-não-ainda,” o maior factor contribuinte para o do cumprimento do lado de Deus.⁴¹ Na nossa Nazarena “comunicação global,” aí necessita não ser competição para o poder e reconhecimento, adquiridos através de auto-asserções, se estes são do Oeste ou Este, Norte ou Sul. Este ensaio responde às tendências homogeneizantes opressivos inerentes ao governo centralizado e a agenda pluralista. Como mostrado, mesmo mascarado como pluralismo normalmente corporiza a mesma ideia hegemónica repugnante rejeita, logo que exsuda uma política reacionária e partidária. Em seu sentido, pluralismo e centralização são ogres gémeos.

³⁷ Peterson, “Eucaristia,” 149. Ver Também John W. Wright, e J. Douglas Harrison, “A Prática Eclesiástica de Reconciliação e o fim de Wesleyano,” *WTJ* 37 (Fall 2002), 194-214.

³⁸ Wesley, *Obras* 3: 429 (italics mine).

³⁹ Rob L. Staples, *Sinal externa e Graça interna: O lugar do Sacramento na Espiritualidade Wesleyana* (Kansas City: Beacon Hill, 1991), 243.

⁴⁰ Dean G. Blevins, “Uma Visão Wesleyana da Construção Litúrgica de si,” *WTJ* 38 (Fall 2003), 13-14.

⁴¹ Gerhard Lohfink, *Deus necessita da Igreja? Em direcção à Teologia do Povo de Deus* (trans. Linda M. Maloney; Collegeville, MN: Liturgical Press, 1999), 139.

O que é necessário é uma Eucaristia eclesial que celebra, decreta e gera um ethos reconciliante. A única competição santificada devia ser em levantar um ao outro e considerar os outros melhores que nós (Fl 2:3). ao celebrarmos a Eucaristia nas nossas igrejas locais, gloriamos na unicidade do local, mas também celebramos a nossa pertença católica para sermos uma igreja global. Como os escritores do *nosso lema e canção* argumenta, a Igreja do Nazareno é – e deve ser – “*Eucarística*, focalizada no partir do pão juntos e o beber de um copo de memória e em esperança Cristã e esperança.”⁴² Na celebração da Eucaristia, reunimos juntos a comer e partilhar, não a discutir quem é o mais grande (que era o que seus discípulos fizeram em Lucas 22:24-30). Juntamos não para competição ou para apoiarmos a nossa própria agenda imperialista, mas para o presente relacionamento, na celebração do nosso passado comum e futuro. No Evangelho de João, a Ceia do Senhor é imediatamente seguido pela lavagem dos pés, ensinando-nos que somos um em Cristo e um no nosso serviço e responsabilidade de uns aos outros (13:1-17). No Evangelho de Lucas, é no partir do pão que o *estranho* é convidado a partilhar (24:28-32). A Eucaristia não impõe mas convida. Isto é o que significa ser uma igreja em volta da Mesa do Senhor.

⁴² Cunningham, *Lema*, 605.